



A FORMAÇÃO DO PODEMOS

América do Sul, populismo pós-colonial e hegemonia flexível

SALVADOR SCHAVELZON

TRADUÇÃO DE MATEUS YURI PASSOS

RESUMO

Neste texto buscamos cartografar a formação do partido Podemos a partir de uma perspectiva voltada para debates teórico-políticos que antecederam sua criação. Focaremos em três grandes discussões: 1) Estado e hegemonia; 2) a “operação populista” e a crítica autonomista; 3) o enfoque descolonial. Tentaremos entender, assim, uma proposta política que surge em diálogo com vários debates mantidos com a experiência dos governos “progressistas” da América do Sul, a esquerda espanhola e a europeia.

PALAVRAS-CHAVE: *Podemos; populismo; pós-colonialidade; hegemonia; Espanha.*

The Making of Podemos: South America, Post-Colonial Populism and Flexible Hegemony

ABSTRACT

In this paper we seek to map the formation of the party Podemos from an approach focused on theoretical and political debates that precede its creation. We will focus in three main discussions: 1) hegemony and the State; 2) on the “populist operation” and the autonomist critique; 3) the decolonial turn. We will try to understand a political proposal that emerges in dialogue with various discussions held with the experience of “progressive” governments in South America; the Spanish and the European left.

KEYWORDS: *Podemos; populism; postcoloniality; hegemony; Spain.*

Seria ingênuo pensar o processo boliviano como uma revolução social e política de curta duração. O processo será longo, difícil, e seu desenrolar não estará alheio ao do conjunto de lutas emancipatórias na América Latina e no mundo. Contudo, o debate constitucional que se iniciará em agosto em Sucre representa uma oportunidade para os movimentos sociais da esquerda radical europeia lançarem uma visão de longo alcance. Estamos diante da outra face da revolução zapatista: a necessidade de uma política de transformação quando não se pode tomar o céu de assalto.

Os zapatistas ensinaram o modo de fazer política quando as aspirações ao poder político-institucional são inviáveis ou burocratizantes, mas, uma vez que os movimentos se revelam capazes de desalojar a institucionalidade, seria estúpido permitir que esta continuasse nas mãos do inimigo.

É hora de tecer novas alianças.

Pablo Iglesias, “Asamblea constituyente y revolución”, *Diagonal*, 6/7/2006.

Neste texto me referirei ao movimento que levou à proposta de criação do partido Podemos, na Espanha. Revisarei para isso alguns debates políticos que seus fundadores mantiveram com a esquerda espanhola e europeia e também em sua passagem anterior pela América Latina. Busco dessa forma configurar um registro, de inspiração etnográfica, da proposta com que nasce o Podemos, procurando demarcá-la no contexto político em que os fundadores circulavam, com base especialmente em textos acadêmicos e de análise política, escritos por eles antes da apresentação pública do Podemos num teatro de Madri, em 16 de janeiro de 2014. Para isso me centrarei nos tópicos colonial, popular e hegemonia.

A proximidade política e biográfica dos futuros dirigentes com os governos progressistas da América do Sul lhes apontaria um caminho pelo qual avançar na Espanha a partir de uma proposta de representação de maiorias populares que pudesse perfurar o teto eleitoral alcançado pela Izquierda Unida (IU), de onde vieram vários dos fundadores do Podemos e seus aliados iniciais. A Hipótese Podemos consistia em mostrar que havia uma janela de possibilidades para crescer a partir de uma política que denunciava as medidas de austeridade defendidas tanto pelo Partido Popular (PP) quanto pelo Partido Socialista Obrero Español (PSOE), esquivando-se, no entanto, de um posicionamento no eixo político direita-esquerda. Pablo Iglesias diria em sua passagem pela Bolívia, já como secretário-geral do Podemos:

Não queremos aspirar aos 20%. Quem faz política pensando “Nós somos a verdadeira esquerda, porque o PSOE é a falsa esquerda, e então vamos a ocupar o espaço deixado à esquerda do PSOE, e se tudo correr bem teremos uns 13% ou 14%...” não me interessa, porque estivemos na América Latina e vimos que se pode aspirar a algo que vá além disso, embora seja evidente que somos de esquerda. Contudo, travar a disputa política nesse eixo significa entregar a vitória ao inimigo.^{1,2}

O horizonte era a criação de uma ferramenta que veiculasse o descontentamento popular e aspirasse a se tornar governo, perfurando o bipartidarismo que desde 2011 se encontrava em constante declí-

[1] Exceto quando indicado, todas as citações textuais são traduzidas do espanhol.

[2] Iglesias Turrión, 2014a.

[3] Podemos, 2014.

[4] Cf. Errejón; Iglesias, 2009b.

[5] Bescansa; Errejón; Iglesias; Jerez; Monedero; Sánchez León, 2008.

[6] O 15-M foi um conjunto de manifestações iniciadas na Espanha em 15 de maio de 2011 que se opunha, essencialmente, às políticas de austeridade econômica, à corrupção governamental e ao desemprego no país. [N. T.]

[7] Iglesias Turrión, 2015b, p. 17.

[8] Sanz Alcántara, 2015; Miró Artigas, 2015; Rosso; Dal Maso, 2014; Seguín, 2015.

[9] Cf. Monedero, 2014.

[10] Errejón Galván, 2013.

[11] O aporte de Carolina Bescansa, de formação bourdiana e que também possui experiência na Venezuela, teria sido o do conhecimento demoscópico. Cabe registrar aqui outro debate que certamente poderia ser incorporado como uma seção adicional neste trabalho, sobre o Estado, que contou com a participação de Luis Alegre Zahonero, quinto fundador e primeiro secretário-geral do Podemos de Madri. Ver Iraberri; Alegre Zahonero, 2013 e Sánchez Estop, 2007. Esse debate, em que o Estado aparece não como contingência, mas como necessidade e superação de lutas anties-tatais, tem pontos de contato com a “guinada hegeliana” de Álvaro García Linera na discussão sobre o Estado de parte da esquerda sul-americana.

nio eleitoral, intervindo no intuito de abrir um novo ciclo político que encerrasse aquele iniciado com a morte de Franco e a aprovação da Constituição de 1978. Com o documento “Mover ficha” [Mover peça],³ um grupo de professores e o partido Izquierda Anticapitalista, entre outros, davam lugar ao novo partido. Por um caminho iniciado anos antes, na Universidade Complutense de Madri, alguns desses professores, que haviam se aproximado dos governos progressistas sul-americanos como pesquisadores ou assessores, organizavam um ato em homenagem a Evo Morales⁴ e também criticavam “a narrativa” da Transição, afirmando que “os caminhos estão se abrindo: inundemo-los com os velhos e novos relatos e abordemos de uma vez o combate das representações”.⁵

“Se a maior expressão social da crise orgânica foi o movimento 15-M,⁶ sua maior expressão política foi o Podemos”, escrevia Pablo Iglesias.⁷ O Podemos se apresentaria como instrumento político dos cidadãos que, em 2011, haviam mostrado sua indignação, com uma proposta discursiva de cunho popular dicotomizante, cujo vínculo com a noção de populismo tal como trabalhada por Ernesto Laclau, autor argentino da Universidade de Essex, falecido em 2014, já foi assinalada várias vezes por fundadores do Podemos e outros.⁸ A relação entre discurso populista e o 15-M se dava em termos de entender a institucionalização como fase necessária que dá curso à mobilização popular e ao protesto espontâneo. O 15-M se associava assim a levantes como o Caracaço, a Guerra do Gás na Bolívia e o “*Que se vayan todos*” da Argentina, considerando-os um prelúdio à formação de novos regimes políticos,⁹ em um percurso da irrupção plebeia à institucionalização,¹⁰ entendido como caminho inexorável do fluido ao estável.

Para situar as discussões que ajudaram a configurar a Hipótese Podemos nos três tópicos — o colonial, o popular e a hegemonia —, ainda presentes nas discussões que de dentro e de fora do Podemos acompanham a vida da organização, me centrarei em textos e intervenções de Pablo Iglesias Turrión, Íñigo Errejón Galván e Juan Carlos Monedero. O objetivo é reconstruir posições que, no entanto, podem ser entendidas somente como produto da reflexão coletiva de muitas vozes.¹¹

SOBRE O COLONIAL: INTERFACES DESCOLONIZADORAS ENTRE A ESQUERDA RADICAL EUROPEIA E OS POVOS INDÍGENAS LATINO-AMERICANOS

Pablo Iglesias visitou a Bolívia pela primeira vez como membro de uma equipe de observadores internacionais da OEA nas eleições de dezembro de 2005, em que Evo Morales ganharia a presidência pela primeira vez, com 54% dos votos. A Bolívia de que Iglesias se

aproximou seria a da política indígena em primeiro plano, com cerimônia de posse presidencial diante dos povos indígenas nas ruínas de Tiwanaku, a menção contínua ao rebelde indígena Túpac Katari e a declaração do Estado, na nova Constituição, como Plurinacional e Comunitário.¹² O discurso político durante o primeiro mandato do Movimiento al Socialismo (MAS) seria o objeto da tese de doutorado de Íñigo Errejón.¹³ Em um texto em coautoria, Errejón e Iglesias definiriam: “A América Latina se converteu no laboratório mais poderoso de elaboração e prática de alternativas à crise capitalista”.¹⁴

Na tese de doutorado de Iglesias,¹⁵ centrada em lutas “pós-nacionais” dos movimentos europeus de desobediência, antiguerra e anticúpulas econômicas globais, a referência latino-americana mais forte é a do zapatismo, abordado em sua influência para a esquerda radical europeia, como visto no caso do grupo dos Tute Bianche [Macacões Brancos], que se constituíram como rede de apoio ao zapatismo desde 1994. Enquanto essa tese se encontrava em elaboração, Pablo Iglesias organizou um livro (juntamente com Jesús Espasandín)¹⁶ sobre os movimentos sociais bolivianos, a partir de uma pesquisa que não seria incorporada a sua tese. Em um capítulo desse livro, republicado em conjunto com outros textos pela vice-presidência da Bolívia,¹⁷ Iglesias escreve:

[pelas] características dos movimentos sociais bolivianos, entendemos que podem permitir uma relação muito intensa com os movimentos da esquerda radical na Europa. Do mesmo modo que os zapatistas foram capazes de indianizar a ação coletiva e os discursos do movimento global, o processo boliviano pode contribuir para que se tenham relações que permitam formas de política internacional e diplomacia de base, assim como uma aliança estratégica da esquerda radical europeia com os projetos contra-hegemônicos latino-americanos.¹⁸

Nessas linhas, o trabalho acadêmico já se articulava com o ativismo e a participação política, que, embora distantes da política partidária espanhola, se apresentavam como se baseados em um documento de proposta estratégica para os movimentos sociais, escrito conjuntamente com Íñigo Errejón.¹⁹ Pablo Iglesias publicaria também (em coautoria com Espasandín e Errejón) o artigo “El regreso de Túpac Katari: Bolivia y los procesos de transformación global del capitalismo”.²⁰ Ainda com uma forte influência do pós-operaismo italiano, esse trabalho situa os movimentos no âmbito de intervenção política, considerando que

os Estados estão experimentando uma progressiva decadência na sua condição de agências políticas depositárias do poder soberano, uma vez que as

[12] Schavelzon, 2012.

[13] Errejón Galván, 2012.

[14] Errejón; Iglesias, 2010.

[15] Iglesias Turrión, 2008.

[16] Espasandín; Iglesias Turrión, 2007.

[17] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2014.

[18] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2014, p. 27.

[19] Cf. Errejón; Iglesias, 2010.

[20] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2007.

*decisões econômicas fundamentais se valem cada vez mais de instituições globais de gestão cujo funcionamento é quase autônomo com respeito às estruturas administrativas de origem estatal.*²¹

[21] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2007, p. 116.

[22] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2007, p. 117-124.

[23] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2007, p. 122.

[24] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2014.

[25] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2014, p. 12.

[26] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2014, p. 12.

[27] Há um interessante registro das preocupações de Errejón e Iglesias em uma entrevista concedida a eles por I. Wallerstein em 2009, publicada na revista *Diagonal*. Perguntaram-lhe: “Frantz Fanon, que foi uma de suas referências teóricas, reivindicou o poder do nacionalismo como via de liberação nos países do Terceiro Mundo. O nacionalismo pode ser um mecanismo de emancipação nos países ricos?”. Em sua resposta, Wallerstein advertiria: “Todos os nacionalismos são iguais. Quando são reivindicações contra o poder, não importa qual poder, são progressistas. Contudo, no momento em que conquistam o Estado, os nacionalistas vão para a direita. [...] É disso que Fanon se deu conta e por essa razão defendeu o pan-africanismo como continuação das lutas de liberação nacional” (Errejón; Iglesias, 2009a).

[28] Iglesias Turrión, 2007b.

[29] Iglesias Turrión, 2007b, p. 290.

[30] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2014, p. 12.

O “regresso de Katari” a que os autores aludiam, assim, não era o de uma rebelião explicável a partir da política indígena de âmbito do Estado-nação e se enquadrava melhor em uma política global. Para eles, a possibilidade de mudança na América do Sul obedecia à decadência e crise atual dos Estados Unidos (segundo a análise de Boswell e Chase-Dunn).²² Errejón, Espasandín e Iglesias escrevem que os projetos da nova esquerda latino-americana se encontrariam diante de uma “estrutura sistêmica de oportunidades” para os projetos antagonistas; e com “possibilidades de êxito das novas esquerdas — indianistas, etnopolitistas etc. — na América Latina”.²³

Dando continuidade às ideias expostas na tese de Iglesias, o processo boliviano e a região latino-americana em geral seriam abordados a partir da teoria do sistema-mundo de Immanuel Wallerstein, afastada de um enfoque de perspectiva nacional, mas também longe do nível das comunidades, povos e sindicatos de base mobilizados que, em alguns casos, participavam de projetos de reconstituição de instituições e territorialidade ancestral. No artigo de Iglesias sobre a Bolívia, há uma referência à força das “classes perigosas”, não adaptadas às categorias ortodoxas do classismo e com “características de uma subalternidade periférica”.²⁴ Para afirmá-lo, Iglesias se apoiaria em Frantz Fanon e sua descrição das “condições de possibilidade revolucionária nas áreas coloniais ou pós-coloniais”. As “potencialidades antissistêmicas dos *condenados da terra*”²⁵ seriam as ferramentas para levar adiante “a análise da estrutura de classe na periferia do sistema-mundo [...] imprescindível para entender os processos de subjetivação e a emergência de identidades antagonistas no imaginário revolucionário europeu (como as indígenas) enquanto forças sociais e políticas antagonistas”.^{26,27}

Sem se afastar de um olhar classista, embora a partir de uma definição “heterodoxa”, como descreve seu marco teórico para o estudo de movimentos sociais,²⁸ Iglesias acompanha a visão de Wallerstein de que o racismo se define como “etnificação da força de trabalho”, incluindo-o na economia do mundo capitalista.²⁹ Desse modo, para Iglesias, a capacidade antagonista das classes perigosas “não corresponde tanto a particularismos culturais ou étnico-nacionais (sem dúvida chaves para a ação política, embora condicionadas por sua articulação nos modos de produção [...]) quanto à forma de incorporação das áreas periféricas ao capitalismo, processo que na América Latina e no Caribe se produz desde o século XVI”.³⁰

Analisando o caso da Bolívia, Iglesias escreveria que a política de classe “deverá assumir que os dispositivos de combate político e social

se articulam geralmente no plano das identidades”.³¹ As identidades também aparecem como “difíceis de manejar e sempre suscetíveis a serem manipuladas em direções conservadoras — ou simplesmente neutras, como corre o risco de ocorrer com as tentativas de explicação do fenômeno indígena em chave estritamente civilizatória ou contraepistêmica”.³² A manipulação conservadora de identidades seria a chave de leitura da oposição *camba*³³ a Evo Morales e também, tempos depois, da “casta catalã” de Artur Mas, que o Podemos enfrentaria nas eleições da Catalunha (em setembro de 2015), a partir de uma proposta com ênfase no social que tentava fugir da polarização ao redor do soberanismo que primou naquela oportunidade. As análises “em chave civilizatória ou contraepistêmica” apareceriam em contraste com um debate de que nos ocuparemos mais adiante.

Em outro artigo da mesma fase de pesquisa, assinado por Iglesias, Errejón e Espasandín,³⁴ os autores se refeririam a um diálogo ocorrido em um curso de verão de 2006, que os jovens pesquisadores da Universidade Complutense de Madri mantiveram com Walter Mignolo, referência da Teoria Descolonial e do programa de pesquisa conhecido como modernidade/colonialidade/descolonialidade, do qual fizeram parte vários intelectuais latino-americanos com trabalhos relacionados ao debate pós-colonial. Uma edição especial da revista *Tabula Rasa* registra o comentário citado com a intervenção e resposta de Mignolo. Se na política espanhola o Podemos irrompeu defendendo uma posição definida como “nem de direita nem de esquerda”, nesse debate de contexto acadêmico seria Mignolo quem, criticando a análise de seus interlocutores, baseada em um ponto de vista marxista, afirma que “a opção decolonial não se enquadra nas opções de direita nem nas de esquerda [...] o desprendimento (*de-linking*) implica que, em lugar de nos atermos aos conteúdos ou ao espetáculo do jogo, nos empenhamos em mostrar a falácia das regras do jogo e a necessidade de construir outras”.³⁵ Em sua reconstrução e resposta frente ao debate, Mignolo oporia a opção decolonial como uma “objetividade entre aspas”, que atribui a seus interlocutores, à “objetividade sem aspas da esquerda”.³⁶

Inspirados pelo zapatismo, Iglesias, Espasandín e Errejón assumiam nesse intercâmbio uma posição “a partir de baixo e à esquerda” e apresentavam como objetivo “formular uma teoria que aprenda os múltiplos movimentos antissistêmicos no planeta” e, assim, contribua para “descolonizar a esquerda radical europeia”, em uma reconstrução da agenda “global e conflitual”.³⁷ Não é difícil entender o contraste com a perspectiva teórica de Mignolo, orientada a destacar o pensamento “fronteiriço”, o pensamento marginal. Ainda que compartilhasse o diálogo com Fanon e Wallerstein, não leria esses autores a partir do raciocínio classista presente em suas obras. Segundo

[31] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2014, p. 17.

[32] Iglesias Turrión, 2007a, p. 267.

[33] O termo designa as populações branca e mestiça das regiões baixas da Bolívia, mais especificamente dos departamentos de Santa Cruz, Beni e Pando. [N. T.]

[34] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2008.

[35] Mignolo, 2008b, p. 325.

[36] Essa oposição é desenvolvida por Mignolo de forma mais extensa em outro texto (2009) como “opção de coexistência que assume a objetividade entre aspas” a partir de um “diálogo pluri-versal”, oposto aos espaços “uni-versais” de pensamento sem aspas, associados ao “temor do pensamento hegemônico, moderno e pós-moderno, que poderia perder seu privilégio a partir do momento em que os subalternos começam a pensar por si próprios” (p. 264).

[37] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2008, p. 315.

Mignolo, trata-se de “regionalizar o imperialismo da mente sobre o corpo [...] restituir o corpo marcado pelo racismo e o sexismo de uma epistemologia sem sexo, sem sangue e sem cor, e instaurar mundos que, como Fanon afirma em sua prece, escutem o corpo”.³⁸ Num texto posterior em que aborda a proposta defendida pelos pesquisadores da Complutense, entre outras posições que também menciona, Mignolo critica o que seriam pensamentos de emancipação que surgem do centro do sistema-mundo e pretendem se apresentar como movimentos emancipatórios para todos.³⁹

[38] Mignolo, 2008b, p. 303.

[39] Mignolo, 2009, p. 266.

Para além do alinhamento com a teoria marxista, a controvérsia pode se estabelecer entre um pensamento que incorpora as lutas indígenas bolivianas em um cenário universalizado, no qual a separação entre centro e periferia se mantém relevante, e uma proposta em que o sujeito político que importa se concebe em termos de diferença epistêmica radical. Sobre o último sentido, afirma Mignolo: “O pensamento surge da exterioridade (a criação de fora para dentro), isto é, na fronteira. Porém, nessa fronteira seus dois lados não estão em igualdade de condições, é a partir desse lugar que a diferença epistêmica e ontológica colonial reclamam seus direitos epistêmicos”.⁴⁰ Frente a um universalismo popular e uma descolonialidade imanentista, podemos acrescentar aqui uma terceira posição ao quadro do pensamento político contemporâneo. Nesta última, associada ao autonomismo italiano e à alterglobalização, o cenário de lutas é sempre global, porém a ênfase estará também nas singularidades de um plano de lutas biopolíticas imanentes, sem necessidade de unificação articulada com projeção estatal. Seriam três formas distintas a partir das quais também se celebraria a chegada de Evo Morales ao governo da Bolívia, o que, no caso de Mignolo, se expressaria em termos de direito à diferença, oposto ao essencialismo indígena, fruto do colonialismo.⁴¹

[40] Mignolo, 2009, p. 263.

[41] Mignolo, 2008a, p. 246.

Para ler o processo boliviano, à proposta de Mignolo de uma “guinada descolonial”, Errejón, Espasandín e Iglesias⁴² oporiam uma “guinada à esquerda”. A problemática do colonial, na verdade, não desaparece do horizonte, assumindo em seus artigos a “‘memória longa’ das impugnações de massas da ‘colonialidade’ e na ‘memória curta’ das resistências ao neoliberalismo”,⁴³ dupla de conceitos sempre mencionada pelas organizações indígenas e pela intelectualidade crítica boliviana de inspiração indianista. No entanto, os futuros dirigentes do Podemos teriam suas reservas com relação à política étnica, priorizando a leitura “social”. A etnicidade e as reivindicações indígenas por autonomia deram o marco geral à proposta do MAS na disputada Assembleia Constituinte e estavam em contraste com a definição de “étnico” defendida por Iglesias, Errejón e Espasandín como “essencialmente uma categoria social na estrutura de classes”. Nessa definição, afastavam-se da tentativa katarista de pensar classe e etnia sem que

[42] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2008, p. 301.

[43] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2007.

uma se subordine à outra. Criticando Mignolo, podemos inferir que os autores se diferenciavam de boa parte da intelectualidade boliviana influenciada pelo indianismo, no que seria “adotar de forma acrítica a retórica ou práticas dos movimentos indígenas”.^{44,45}

O foco classista revisado com Fanon pelos futuros dirigentes do Podemos incluiria, assim, as identidades como elemento de disputas estratégicas, embora sempre subsumido ao ponto de vista do social. Concluindo sua análise do caso boliviano, Iglesias faz uma convocação para “seguir pesquisando a partir de hipóteses marxistas com abertura para incluir aportes do indianismo e outras experiências de ação política a partir da periferia” e enumera uma série de propostas políticas para um processo que denomina indianização/descolonização da prática dos movimentos europeus.⁴⁶ Criticando a arrogância da esquerda europeia, destaca o “mandar obedecendo” que Evo Morales retoma do zapatismo; põe em relevo a importância da comunicação política com discurso inovador e ambíguo, com o exemplo dos encapuzados zapatistas; e situa em um lugar privilegiado do “combate antagonista” o manejo da identidade e mecanismos de agregação “que alguns chamam de populistas”,⁴⁷ dos quais os movimentos europeus deveriam tomar nota.

A influência da agenda indígena, da plurinacionalidade e da descolonização transparece em um relatório escrito por Íñigo Errejón para a Fundação CEPS em agosto de 2008, o momento mais crítico da crise constituinte na Bolívia, quando ainda não estava claro o cenário de resolução do processo de aprovação da Constituição, mesmo depois de Evo Morales acabar de ser ratificado em um referendo revogatório com 67% dos votos em eleição nacional. Nesse texto,⁴⁸ reflete-se a tensão entre uma visão de esquerda que se articula com a tradição do nacionalismo e a visão da descolonização, de inspiração indianista, ainda nessa época importante dentro do imaginário do governo de Evo Morales.

Para que o Estado produza mais emancipação que dominação, é preciso torná-lo sensível à raça e ao lugar, despojá-lo de sua ficção de homogeneidade cultural e territorial, de neutralidade cultural e racial e de universalidade das formas de produção das decisões políticas. Uma reordenação territorial que inclua todos os habitantes da Bolívia, mas também uma inclusão que se fortaleça na multiplicidade e não na unicidade. [...] O projeto dos grupos subalternos é [...] frente ao regionalismo da oligarquia, democracia plurinacional e soberania popular.⁴⁹

Errejón reproduz em sua análise o diálogo do próprio processo constituinte boliviano entre uma vertente nacional e popular, de orientação estatista, que se tornaria dominante depois da aprovação

[44] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2008, p. 315.

[45] Na campanha da eleição catalã, da qual o Podemos participou como parte de uma coligação com outros partidos (Catalunya Sí Que Es Pot), o recurso ao étnico era criticado como estratégia da “casta” catalã que assumiria o independentismo de forma artificial, como a elite de Santa Cruz na Bolívia. O partido de Pablo Iglesias assumia um discurso nacional e popular, com algo de classismo, sem, contudo, que Iglesias deixasse de recorrer também à linguagem étnica em referência a filhos de estremenhos e andaluzes, que deveriam “mostrar os dentes” contra o soberanismo (ver Manetto; Piñol, 2015). Sobre o diálogo político do Podemos com a América Latina e a plurinacionalidade, remeto a Schavelzon, 2015b.

[46] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2014, p. 29-30.

[47] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2014, p. 30.

[48] Errejón Galván, 2008, p. 22-24.

[49] Errejón Galván, 2008, p. 24.

da Constituição em 2009, e outra indianista, descolonizadora, buscando apostar na autonomia e nas formas indígenas de organização política, além de alternativas ao desenvolvimento (“Vivir Bien”). No mesmo relatório, ao listar os esforços que o governo do MAS deveria encarar com êxito para dar continuidade ao processo, é possível ver a reforma agrária e a nacionalização dos hidrocarbonetos, mas também uma proposta plurinacional e descolonizadora no aspecto territorial, que também retornaria no momento de construir no Podemos uma posição frente às demandas soberanistas. Nesse sentido, Errejón escrevia:

Em uma complexificação do mapa dos “lugares” da Bolívia, aninham-se muitas possibilidades de atravessar o país com os diversos projetos de emancipação que existem, tendo como espinha dorsal territorial e redistributiva o Estado. [...] o centralismo não é a solução para a crise política e os embates da direita. A solução passa pela transformação do Estado em um sentido plurinacional e descolonizador [...]. O Estado que bebe do mito moderno da universalidade, o Estado cego à diferença étnica, é um reprodutor da colonialidade do poder, da hierarquia global de conhecimento e da exclusão social resultante.⁵⁰

[50] Errejón Galván, 2008, p. 23-24.

Antes de chegar ao Podemos, Errejón se mudaria para a Venezuela, trabalhando em campanhas políticas e em um centro de pesquisa ligado ao chavismo. Desde então a questão indígena perderia força, em um movimento em que também os governos da Bolívia e do Equador poriam de lado as reivindicações e a agenda indígena que, no momento de se iniciar o processo constituinte, tiveram protagonismo.⁵¹ Podemos ver esse movimento retratado na mudança em direção ao social, o líder e o Estado como horizonte político. Se, ao escrever sobre a Bolívia, Pablo Iglesias resgatava o lema de ativistas italianos recebendo os zapatistas na Cidade do México — “Todos somos índios do mundo”⁵² —, pouco depois Errejón, Espasandín e Iglesias reconheceriam, no debate com Mignolo, “a equivalência e unidade dos diferentes” presente na frase “Não somos africanos, somos os pobres!”, de índios e negros dos subúrbios de Durban em 2002.⁵³ O movimento se tornaria mais claro ainda em um texto de Errejón⁵⁴ sobre o lugar hegemônico de Chávez, intitulado “Somos (casi) todos los Chávez”, concretizando todo um movimento desde as singularidades irrepresentáveis até a unidade do popular, primeiro, e depois da identificação com o líder.⁵⁵

Embora Errejón e Iglesias escrevam juntos e compartilhem discussões naquela época, a leitura de Errejón⁵⁶ sobre o processo boliviano seria a que se relacionaria mais diretamente com a proposta apresentada pelo Podemos em 2014: uma “operação populista”, de articulação

[51] Schavelzon, 2015.

[52] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2014, p. 30.

[53] Errejón Galván; Espasandín López; Iglesias Turrión, 2008, p. 315.

[54] Errejón Galván, 2013b.

[55] Sobre o debate entre o devir índio dos pobres e o devir pobre dos índios, ver Cava, 2012 e Viveiros de Castro, 2015.

[56] Errejón Galván, 2008.

hegemônica de um povo, realizada no nível do discurso e em escala nacional, que o autor analisa com uma perspectiva inspirada em Ernesto Laclau. Nos textos de Pablo Iglesias, a discussão do caso da Bolívia era uma leitura influenciada pelo zapatismo e pelo autonomismo italiano, destacando o caráter movimentista presente no momento de chegada de Evo Morales ao governo e lutas pela autonomia que depois se diluiriam no fortalecimento da agência estatal. *Bolívia en movimiento* é o título do livro organizado por Iglesias, enfatizando essa visão. Em Errejón, o foco de análise era a luta pela hegemonia, a partir de um estudo discursivo.

O POPULAR: ENTRE O PARTIDO DO POVO, A CLASSE OPERÁRIA E A MULTIDÃO

Em 2013, Pablo Iglesias protagonizou um debate com várias réplicas e trélicas que partiram de ambientes de esquerda, ao publicar um curto artigo em que, a partir de sua experiência nos debates da televisão aos quais tinha começado a ser convidado, postulava um “adeus à classe trabalhadora” para identificar o sujeito político da mudança com “os de baixo”, já a caminho de pensar uma ferramenta política de acordo com isso. Em uma nota de opinião no jornal *Público*, afirmou:

Desde o momento em que passei a ser visto nas grandes emissoras de televisão, percebo dois tipos de público bem diferenciado. Parte dele é formado pelo pessoal da esquerda que conheci a vida toda [...]. Mas há outro público com o qual não havia me relacionado até poucas semanas atrás. Os que me param na rua e, sem concessões ao politicamente correto ou ao linguajar não sexista, dizem “Um viva para teus colhões” e me dão um abraço; os que me escrevem longuíssimas mensagens de e-mail contando as histórias de seus filhos que ficaram sem bolsa [...]. O técnico que me põe o microfone no estúdio e me sussurra “Acabe com esses porcos”. O câmera que pisca o olho para mim e levanta o polegar [...]. A lista de anedotas não terminaria nunca. São eles a classe operária chamada a tomar o céu de assalto? Não sei, mas é claro para mim que são os de baixo e que é preciso se dirigir a eles.⁵⁷

[57] Iglesias Turrión, 2013.

Em várias respostas, iniciadas com a do rapper Nega, era questionada a forma fácil com que Iglesias se desvinculava das lutas sindicais tradicionais, assim como dos esforços para a reconstrução de uma classe trabalhadora não fragmentada, nem dispersa. Em algumas dessas críticas, a posição de Iglesias, qualificada de “populista”, “negrista” e “pós-moderna”, era vista, desde uma perspectiva classista, como a aceitação teórica das categorias burguesas de análise a partir de renda.⁵⁸ A discussão que Iglesias mantinha com a velha concepção da classe operária recorria a ferramentas do pós-operarismo italiano, mas também não seria esse o lugar de argumentação e pensamento político de

[58] Futuros críticos e integrantes do Podemos participaram do debate. Algumas intervenções foram resumidas aqui, com links para os textos na íntegra: <http://chavistas-estalinistas-bolivarianos.blogspot.com.br/2013/08/precariado-o-classe-obrera-como-la-clase.html>.

[59] Sánchez Estop, 2013.

onde sairia o Podemos. John Brown (pseudônimo já público de Sánchez Estop)⁵⁹ lembrava que Toni Negri e alguns “negristas” tinham assinado uma carta de apoio a Alexis Tsipras, no mesmo 2013, e que o que estava em questão era constituir um instrumento para expulsar a cleptocracia do poder, não para colocar no seu lugar um novo partido, mas “o próprio povo”. Sobre os “de baixo”, Sánchez Estop, que teria uma participação crítica no Podemos, propunha aos participantes do debate aberto por Iglesias abandonar definições fenomenológicas e sociológicas das classes e sujeitos políticos, para concebê-las como constituídas pela luta de classes. Essa não seria a posição para a qual Iglesias apontava. Seu comentário sobre “os de baixo” se articulava com uma proposta populista em termos do pensamento de Ernesto Laclau, que, em *La razón populista*,⁶⁰ tinha se ocupado de se diferenciar de autores como Negri e Rancière, que, por menos ortodoxos que fossem, mantinham o olhar atento à luta de classes.

[60] Laclau, 2005.

A “operação populista”, tal como definida em detalhe por Laclau, permitia explicar a reorganização do “quadro político” em termos que não fossem os de esquerda e direita, e tampouco entre o novo contra o velho. Na análise dos fundadores do Podemos, a luta de classes era apenas um jogo de posições que o regime em decadência usava para neutralizar, enquanto a oposição entre novo e velho seria a tática adotada pelo mesmo regime com o partido Ciudadanos e a tentativa de renovação na candidatura de Pedro Sánchez (PSOE). A construção discursiva se daria em termos de “os de baixo”, as “classes populares” e o “povo”, opostos “à casta”, primeiramente, e às “elites políticas” ou simplesmente “os de cima”, sempre ilustrada com exemplos acessíveis para qualquer um que esteja inteirado das notícias cotidianas sobre os privilegiados do regime. A articulação hegemônica descrita por Laclau se realizaria a partir de lacunas significantes que a listagem de demandas pendentes do 15-M havia permitido explicitar.⁶¹

[61] Cf. Iglesias Turrión, 2015a e Errejón Galván, 2015.

Na discussão com a esquerda que acompanhava essa tática política que se afastava tanto da política partidária tradicional como da dinâmica de assembleias e mobilizações do 15-M, Laclau e Mouffe já haviam avançado em *Hegemonía y estrategia socialista*, de 1985, anunciando que “o pensamento de esquerda se encontra hoje em uma encruzilhada”,⁶² no marco de novas lutas que teriam levado a uma “crise teórica”.⁶³ A solução que Laclau encontra para essa crise dialogaria com um cenário de lutas minoritárias e novos movimentos sociais emergentes no mundo enquanto o socialismo real ruía; porém, também deve ser lida em diálogo com a experiência do peronismo, no momento de aparição da chamada “esquerda nacional”, da qual Laclau participou ativamente. É esse o diálogo que antes da formação do Podemos converteu Laclau em intelectual oficial do kirchnerismo e de referência para os governos progressistas latino-americanos em geral.

[62] Laclau; Mouffe, 1987, p. 6.

[63] Laclau; Mouffe, 1987, p. 10.

O diálogo entre política europeia e latino-americana, Gramsci lido em chave nacional e popular e toda uma reflexão sobre o momento da mobilização que precisaria ser seguido pela ocupação das instituições fariam de Laclau um bom interlocutor teórico para a busca em que andavam os futuros dirigentes do Podemos. A formação e a cultura de esquerda às quais Iglesias sempre se refere para explicar os termos da ruptura com a Izquierda Unida, por outro lado, aproximava suas posições às de um importante componente dos governos progressistas da América do Sul que não pode ser reduzido a uma identidade política “nacional e popular”. Pelas concepções de organização política, povo representado e desejos de transformação política num marco moderno e republicano, talvez se possa pensar num “jacobinismo populista”, rasgo compartilhado com referentes que o Podemos reconhece como inspiradores nos distintos governos da América do Sul.

Em termos de percurso intelectual, o espaço que o Podemos encontra para uma proposta populista se constrói a partir de duas rupturas com esquerdas distintas. Por um lado, a mais presente nas posições públicas de Iglesias: o distanciamento em relação à esquerda mais ortodoxa do economicismo e do classismo, principalmente como crítica a um aparato político que não teria forças para reagir e fazer os esforços necessários para crescer eleitoralmente.⁶⁴ Por outro lado, o Podemos nasceria de uma segunda ruptura, talvez mais difícil de apresentar porque implicava uma discussão com algo do sentido comum do 15-M, movimento que, longe de se ser visto como o passado, era recuperado como a manifestação social de uma crise que queriam re-presentar politicamente. O Podemos não se distancia do 15-M — cada vez mais convertido em mito de origem —, mas de posições políticas que recuperam essa mobilização a partir de lógicas de movimento, assembleia e horizontalidade política multiplicada em diversos espaços, por exemplo, o da organização de um novo partido.

Com essa esquerda “quinzemaísta”, a discussão é menos teórica que estratégica, mesmo que em termos conceituais se traduza na noção de limite atribuído a irrupções populares quando esta não se organiza, para alcançar espaços institucionais. O debate leva Iglesias e seus camaradas a afastar-se de referências políticas com que dialogavam, que ademais haviam sido pontos de apoio na ruptura com a esquerda partidária mais clássica com que dialogavam e de que vários dos futuros dirigentes haviam sido integrantes. A importância dessa segunda ruptura também deve ser medida em termos de atualidade e geração. O debate com o classismo remete aos anos 1980, como balanço da geração de 1968 e das derrotas da esquerda mundial, e bem mais relevante é a discussão travada com o sentido comum “movimentista”. É nesse ponto que a experiência do Podemos possui um valor especial, como aporte em progresso às discussões de uma época.

[64] Em uma entrevista na qual seria particularmente explícito e duro (Iglesias Turrión, 2015c), ele diria a certos dirigentes da Izquierda Unida: “Sigam vivendo em seu pessimismo existencial. Cozinhem-se em seu molho cheio de estrelas vermelhas e de coisas, mas não se aproximem, porque são precisamente vocês os responsáveis por este país não mudar em nada. Vocês são um mau agouro”. Iglesias provinha do Partido Comunista da Espanha, que compõe a IU, e antes de lançar o Podemos propusera, sem sucesso, participar em eleições internas abertas dessa coalizão. Viejo Viñas (2010), do Conselho Estatal do Podemos, também protagonizaria um debate com a Izquierda Unida nos anos anteriores, sob uma perspectiva movimentista. Ver referências do debate em <http://ceronegativo.net/2010/01/12/desmontando-a-raimundo-viejo-vinas/>.

O questionamento que surge do 15-M — e não *contra* o 15-M — é explicado por Germán Cano, membro do Conselho Estatal do Podemos e proveniente também de círculos intelectuais afins com Laclau e de uma “esquerda lacaniana” participante dos debates do partido. Em sua visão, a Hipótese Podemos deve superar um “bloqueio” causado por duas leituras que circulam sobre o 15-M. Por um lado, a que limitava a crise a um fenômeno emocional de indignação; por outro, a Hipótese Movimentista que associa ao operaísmo italiano, segundo a qual a crise estava gerando seu próprio coveiro com a transformação da inteligência coletiva impulsionada a partir dos movimentos. Entre essas duas leituras surgia a Hipótese Populista, a do Podemos, que consistia em dizer: “Vamos aplicar a sensibilidade hegemônica, as lições que extraímos da América Latina, e vamos aplicá-las nas fissuras que encontramos nos meios de comunicação”.⁶⁵

[65] Cano, 2015, p. 60.

O distanciamento dos movimentos, centrais nos trabalhos citados na seção anterior, e que posteriormente se articulou com estudos em ambientes pós-operaístas de Bolonha, reflete-se em um artigo de 2012 no qual se pondera a catástrofe eleitoral do ponto de vista dos que se mobilizaram no 15-M, com o triunfo do PP em novembro de 2011. Pablo Iglesias escreve: “Em termos gerais, reconheço que a maioria das análises e diagnósticos de Antonio Negri e Michael Hardt me parecem sugestivos, enquanto suas propostas e aterrissagem no concreto conseguem me deixar cético”.⁶⁶ A chegada à hipótese da necessidade de entrar na disputa eleitoral seria um caminho no qual Iglesias avançaria progressivamente, e nesse artigo ele ainda considera como “muito limitadas” as possibilidades das instituições como “dispositivos para a transformação”, porém também travaria diálogos que o levariam a relativizar essa posição. Em referência a um dirigente e interlocutor da Izquierda Unida, membro também do conselho da Fundação CEPS, Iglesias diria: “Como explicava Manolo Monereo, a política revolucionária em tempos de crise é um príncipe (partido, líder, multidão, significante vazio...) que diz, apontando ricos: ‘Estes são os inimigos do povo’”.⁶⁷

[66] Iglesias Turrión, 2011.

[67] Após uma palestra de Michael Hardt, Pablo Iglesias, que se encontrava entre o público de alunos do centro de pós-graduação onde estudava, pergunta qual seria a forma de organização política para a multidão no capitalismo pós-industrial, se para a classe trabalhadora a forma soberana do Estado-nação não era o partido. Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gfCNbR6vihw> (3 min 10s). Simpática ao autonomismo de Negri, a tese de doutorado de Iglesias é apresentada no título como estudo sobre “Multitud y acción colectiva postnacional” (Iglesias Turrión, 2008).

Já em 2014, convidado pelo vice-presidente da Bolívia, Álvaro García Linera, Iglesias explicaria nesta reflexão o ponto de chegada em termos de valorizar o âmbito estatal-nacional de soberania:

*O que significa dizer soberania? O Estado. O Estado sempre retorna. Nisso alterei minha forma de pensar de acordo com o que diziam Negri e Hardt há uns tantos anos: que se havia constituído um tipo de soberania imperial, que fizera com que o Estado de alguma maneira delegasse, derivasse todas as suas atribuições soberanas. É indubitável que há instituições globais que assumem um poder soberano enorme: o FMI, o Banco Mundial, a Organização Mundial de Comércio. Mas o Estado segue sendo um cenário absolutamente incluível para a política.*⁶⁸

[68] Iglesias Turrión, 2014b, 47 min.

O diálogo com o autonomismo e a “hipótese movimentista” não seria apenas um degrau deixado para trás no avanço rumo ao Estado-nação. Ele se manteria presente no debate interno do Podemos, notavelmente no momento de organizar o partido e eleger autoridades, depois do êxito de plataformas municipalistas em várias cidades, e em questionamentos e propostas sobre como encarar o desafio das eleições presidenciais.⁶⁹ O próprio Negri entraria no debate, apoiando o Podemos, e em conversa com Pablo Iglesias no seu programa de entrevistas divergiria sobre os termos do apoio aos governos latino-americanos, com ênfase nas novas instâncias supranacionais e na força dos movimentos antes que em uma política explicável em escala estatal e nacional, como defendido por Iglesias.⁷⁰

A discussão entre hipóteses se cristalizaria em críticas ao enfoque de Laclau, adotado explicitamente por Errejón, e com menos entusiasmo por Iglesias, que manifestaria sua identificação maior com *Hege- monía y estrategia socialista* do que com a produção tardia do autor argentino, em que este abandona totalmente o marco teórico marxista.^{71, 72} Em diferentes textos críticos publicados desde a irrupção do Podemos, Laclau aparece como referência para entender o novo partido, seja à luz de debates sul-americanos com o populismo,⁷³ em oposição às posições de Negri,⁷⁴ na crítica da pós-hegemonia de Beasley-Murray,⁷⁵ em suas implicações comunicacionais,⁷⁶ ou inclusive recuperando do autor pós-marxista posições não hegemônicas que remetem à democracia mais do que à representação⁷⁷ ou que não se traduzem mecanicamente no Estado.⁷⁸

O próprio Negri escreveria um texto relacionado com esse debate sobre populismo aberto pelo surgimento do Podemos, dando continuidade a uma controvérsia que rendeu várias páginas de *La razón populista*⁷⁹ e *Commonwealth*, de Negri e Hardt,⁸⁰ na oposição de uma visão imanentista de lutas da multidão que espontaneamente enfrenta o Império com outra em que é necessária uma articulação para constituir um povo unificado a partir das singularidades. Sem líder nem horizonte institucional, Laclau consideraria que em Negri e Hardt a ruptura do Império como êxodo da multidão era misteriosa e não bem explicada. A tradução dessas discussões para a política espanhola se daria no rechaço ao marco nacional como ponto de referência privilegiado e ao modo de se vincular a lutas concretas, para além da disputa midiática e eleitoral. Neste último ponto, setores ativistas que exigiriam abrir o Podemos a uma confluência do tipo das plataformas municipalistas se encontrariam com o Izquierda Anticapitalista, partido que faz parte da fundação do Podemos e foi obrigado a se dissolver, quando se proibiu a possibilidade de dupla militância, nas decisões derivadas do congresso fundacional de outubro de 2014.

[69] Cf. *Abriendo Podemos*, 2015 e Rodríguez, 2015.

[70] Ver as intervenções de Negri em artigos em coautoria com Sánchez Cedillo (Negri; Sánchez Cedillo, 2015). O programa *Otra Vuelta de Tuerka*, com Toni Negri, foi exibido em 31/5/2015 e está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BOPtVdOXF9U>.

[71] Iglesias Turrión, 2015b, p. 37.

[72] Em um debate de 2010 em redes sociais da internet, Íñigo Errejón reconhece o pós-operarismo italiano e seu desafio de traduzir, a partir de condições atuais, a reconstrução da autonomia das classes subalternas como a mais radical experiência revolucionária na Europa desde o 1936 espanhol. Em seus comentários, Pablo Iglesias critica a dificuldade da esquerda espanhola em aceitar os embates do autonomismo italiano, considerando que, “quanto à capacidade de diagnóstico dos pós-operaristas em relação às formas produtivas do capitalismo atual e suas consequências para a organização na classe (a subjetivação e as formas de organização), creio que é uma das melhores que há, mas eles nem sempre sabem articular uma linguagem capaz de servir de ferramenta teórica para a práxis em movimentos fora da Itália (e bem que alguns de nós também sofreram com isso)” (fonte: Facebook).

[73] Gago; Picotto; Sztulwark, 2014.

[74] Cava, 2015.

[75] Fernández-Savater, 2015.

[76] Palao Errando, 2015.

[77] Sánchez Estop, 2015.

[78] Sztulwark, 2014.

[79] Laclau, 2005, p. 297-303.

[80] Negri; Hardt, 2009, p. 166-7, 305.

O foco da crítica de Negri e de boa parte do movimentismo interno e externo ao Podemos seria a “autonomia do político”, como estratégia centrada na construção midiática de um discurso que aponta ao governo sem levar em consideração as lutas concretas relacionadas com a composição de classe e as relações de produção biopolítica. Para Negri, também entrevistado por Laclau em um programa televisivo, “o povo” é invocado para levar as pessoas ao trabalho ou à guerra, e a hegemonia não deveria ser entendida em um espaço pré-constituído e fixo do nível nacional, dependente de um eixo central (líder, Estado), mas como força material de transformação social.⁸¹ Com Hardt, Negri escreveria que “o povo” é capaz de conservar o comum existente, mas não de criar instâncias novas de cooperação e comunicação de singularidades.⁸² À hegemonia e à representação seriam opostos o pluralismo e a produção do comum. Em texto escrito com o Podemos já em marcha, Negri homenagearia o pensamento de Laclau, considerando sua importância como reflexão sobre “a transição” e de um Estado que “não era o velho modelo de Estado, o Estado moderno, mas uma coisa nova”, e, desse modo, não se trataria de “um eixo de construção transcendental do Estado, mas um investimento problemático de sua crise”.⁸³

[81] Entrevista de Laclau a Negri no Canal Encuentro, programa *Diálogos con Laclau*, dezembro de 2011.

[82] Negri; Hardt, 2009, p. 305.

[83] Negri, 2015.

SOBRE HEGEMONIA E INSTITUCIONALIZAÇÃO: O ESTADO EXPERIMENTAL

As categorias gramscianas são comuns nas análises de Errejón, Iglesias e Monedero. O autor sardo permite pensar o popular em uma perspectiva à esquerda, como o comunismo italiano e a esquerda latino-americana bem exploraram. Apesar de Gramsci ser um autor habitual na ciência política e nos estudos culturais de raiz marxista, sua recorrência na política da América Latina se explica por si mesma. Gramsci circula pela esquerda latino-americana e europeia a partir de leituras militantes, independentemente da relevância que obteria — junto com Foucault — no crescimento dos estudos culturais e pós-coloniais. Tanto Laclau como os autores ligados aos estudos de subalternidade da Índia e os fundadores dos estudos culturais na Inglaterra chegariam a Gramsci a partir de um marxismo preocupado com o popular, em reflexões que abririam caminhos políticos e de estudo acadêmico.⁸⁴

A hegemonia seria um conceito-chave ao redor do qual se construiria a Hipótese Podemos, em um campo de discussões ligadas ao estudo de processos políticos de mudança social, mas também com considerações sobre liderança, o papel dos meios de comunicação e as campanhas políticas a partir de trabalhos de assessoria política de que os futuros dirigentes do Podemos participaram. Entre os diálogos políticos e intelectuais que nos permitem entender de que é feito o Podemos, vemos que, sem chegar a assumir uma distância política e

[84] Laclau seria uma das vias de leitura de Gramsci na Argentina. Ele circularia na América do Sul nos anos 1950 e 1960, nas traduções de Héctor P. Agosti e José Aricó, ou de exilados que as haviam lido. Esse fato não é levado em consideração por Hobsbawm (2011), que situa o início de sua recepção internacional na década de 1970. Zavaleta seria uma porta de entrada de Gramsci na Bolívia contemporânea (Ortega, 2012). Mignolo (2012) escreveu sobre a relação das ideias de Gramsci com as de Mariátegui, que é outra referência no diálogo da esquerda com o popular e da Europa com a América Latina de que tratamos aqui.

mantendo o apoio, registra-se uma leitura sobre o esgotamento, as tensões e o momento de encruzilhada pelo qual passam a Bolívia, o Equador e a Venezuela, os processos dos quais os fundadores do Podemos são mais próximos. É aqui que os escritos acadêmicos anteriores ao Podemos possuem um valor para além do que foi trabalhado até agora. Não se trata mais da distinção em relação a uma esquerda de lutas e movimentos ou a perspectiva pós-colonial com a qual Errejón e Iglesias dialogavam. Trata-se de pensar a construção da hegemonia com vistas a uma nova gestão estatal “da mudança”.

Depois de anos assessorando Chávez e o governo da Venezuela, Juan Carlos Monedero passou a ser identificado com uma posição de “apoio crítico” ao chavismo. Num fórum organizado em 2009 pelo Centro Internacional Miranda, cuja direção integrava, Monedero formula uma crítica à “hiperliderança”, não muito bem recebida e criticada com dureza por Chávez na televisão, embora depois tenha havido uma reconciliação. Para Monedero, essa característica é própria de países com sistemas partidários débeis, com pouco “cimento social” e ampla exclusão. Ela pode ajudar em momentos de confusão ideológica e vazio político, abrindo uma alternativa política em um momento inicial. Devem ser observados seus problemas, no entanto, já que “a hiperliderança desativa, em última instância, uma participação popular que pode confiar em excesso nas capacidades heroicas do líder”.⁸⁵

[85] Monedero, 2009.

Em uma entrevista de 2013, ele associaria o “populismo” no sentido de Ernesto Laclau e interpretado como momento histórico de reconstrução da Venezuela depois de 25 anos de ajustes.⁸⁶ Porém, no momento de deixar a condução do Podemos, no final de abril de 2015, criticaria o abandono dos círculos como forma participativa e democrática a partir de baixo, em um chamado para se recuperarem as origens. Em diálogo com Iglesias, entrevistado no *Otra Vuelta de Tuerka*, Monedero oporia Boaventura de Sousa Santos a Ernesto Laclau, demonstrando inclinação pelo primeiro. A perspectiva desse autor, que Monedero reconhece como mestre, pode ser citada como a de um observador próximo dos processos latino-americanos que trabalha interfaces entre a esquerda e as lutas de descolonização. Sousa Santos é defensor do constitucionalismo experimental latino-americano, de uma refundação do Estado a partir da participação popular e do reconhecimento da plurinacionalidade. Defende o uso contra-hegemônico de instrumentos políticos hegemônicos como o direito e a democracia representativa⁸⁷ e também o que chama de teorias de “retaguarda”, em crítica à política de vanguarda da esquerda do século XX. A um socialismo do século XXI, prefere um socialismo “do Bem Viver”, que permitiria combinar a transição do capitalismo para o socialismo com a do colonialismo para a descolonização e autodeterminação.⁸⁸

[86] Monedero, 2013.

[87] Sousa Santos, 2011, p. 34 e passim.

[88] Sousa Santos, 2010b.

Em 2004, em sintonia com Sousa Santos, Monedero reivindicaria para a Venezuela o horizonte do socialismo do século XXI, destacando o papel das missões, definidas por ele como “um tipo de Estado pós-colonial (ou pós-moderno), experimental, que acompanha as iniciativas populares exercendo uma tarefa de supervisão”.⁸⁹ Na sua concepção de socialismo do século XXI, reivindica uma definição não estatista, ecologista, feminista, não eurocêntrica e crítica do “epistemicídio ocidentalista”. Sem abandonar a tradição socialista como identificação política que caracterizaria o discurso populista do Podemos, porém alinhado às propostas constituintes que começava a elaborar quando deixou seus cargos, o socialismo do século XXI deve reforçar os âmbitos do mundo da vida, como os afetos, empatia, solidariedade e alegria,⁹⁰ em uma visão visivelmente simpática à pós-hegemonia de Beasley-Murray.⁹¹

[89] Monedero, 2008, p. 83.

[90] Monedero, 2008, p. 88.

[91] Beasley-Murray, 2010.

Uma “exposição de urgência” de Monedero apresentaria um quadro no qual se define a diferença entre o socialismo do século XX e o do século XXI (também em contraste com o neoliberalismo e o capitalismo). Com ares de epistemologia do Sul, mas também com elementos nacional-populares, o quadro opõe cosmopolitismo multicultural e plurinacional a eurocentrismo; internacionalismo a pátria identificada com o povo que enfrenta os impérios; bandeira nacional como identidade anti-imperialista, que deixa de lado a bandeira vermelha do socialismo clássico. Entre as características do socialismo do século XXI, incluem-se várias que em nada se identificam com o rumo do chavismo e dos governos progressistas sul-americanos, como o distanciamento em relação ao capitalismo de Estado (prefere o socialismo sustentável e a globalização contra-hegemônica); a reivindicação da comunidade organizada em movimentos frente ao Estado, ao partido e aos sindicatos; a multidão versus o coletivismo, a autonomia coletiva versus o socialismo como solidariedade e abolição da propriedade privada. É reconhecido o ecologismo versus o produtivismo; e o Estado aparece em vários níveis, local e supranacional, controlado por conselhos comunais que vão além do Estado nacional, em uma articulação pública não estatal e “neostatal”, ou mesmo de Estado experimental e “maternal” com um caráter libertário de esquerdas.⁹²

[92] Monedero, 2011, p. 137-138.

Com menor visibilidade que a de Monedero, a pesquisa de Íñigo Errejón mantinha igualmente discussões com o processo boliviano, sem que isso significasse uma ruptura nem uma associação às críticas de organizações indígenas e intelectuais anteriormente aliadas ao governo, cada vez mais numerosas depois do conflito pela tentativa de construção de uma estrada no Território Indígena e Parque Nacional Isiboro Sécuré, na Bolívia, ou da liberação de exploração petroleira na floresta e parque nacional do Yasuní, no Equador.⁹³ A discussão defendida era quase puramente acadêmica, sem ser exteriorizada em termos

[93] Cf. Schavelzon, 2015.

de posicionamento político de forma pública. Em uma entrevista com Heriberto Cairo, orientador da tese de Errejón, este percebe o afastamento do futuro número dois do Podemos com o que chamava de “interpretação mecanicista de García Linera da questão da hegemonia”, que, segundo Cairo, era uma crítica compartilhada com Errejón ao que consistia em “ir atraindo e conseguindo candidatos e movimentos em lugar de estabelecer alianças”. Esse debate, presente na tese de Errejón, junto à referência de Laclau, estaria muito mais presente no Podemos, segundo Cairo, que o pós-operaísmo de Pablo Iglesias, cuja tese também orientou, ou da epistemologia do Sul de Boaventura de Sousa Santos, trabalhada por seu colega Monedero.⁹⁴

No debate sobre a Bolívia, de fato, a ideia de “guerra de posições” na construção da hegemonia foi discutida em período eleitoral, quando foram filiadas ao MAS figuras provenientes dos velhos partidos de oposição ou de perfil midiático e carentes de vínculo com o processo político e organizações sociais. Na crítica de García Linera,⁹⁵ tratava-se da incorporação do concorrente derrotado, dando conta da universalização das necessidades coletivas do bloqueio social que o MAS representava, em uma combinação de um momento leninista com outro gramsciano. Segundo o vice-presidente, tratava-se de força, vitória e derrota do inimigo (Lênin) com sedução e convencimento (Gramsci). Essa mecânica de “irradiação territorial da hegemonia e a liderança política” seria associada por García Linera à muito criticada incorporação de candidatos polêmicos do ponto de vista das bases do MAS, como concreção da incorporação do inimigo derrotado.⁹⁶

Em sua tese, Errejón⁹⁷ se refere ao relato de fases do processo de mudança apresentado por García Linera⁹⁸ como uma “história da construção de hegemonia”, que faria “da necessidade uma virtude”, teorizando como decisões políticas situações que mais parecem ter sido momentos de incerteza, como na crise de agosto-setembro de 2008, na qual a indefinição até o último momento do Exército foi representada a posteriori como a ‘fidelidade dos militares patriotas ao Estado’.⁹⁹ Ele também se refere à visão de García Linera em termos de “confusão entre categorias sociais — ‘o bloqueio social ascendente’, as elites tradicionais — e atores políticos concretos — o MAS, as diferentes organizações sindicais, os Comitês Cívicos etc. —, [que] produz, por vezes, uma imagem organicista, na qual conjuntos fechados se enfrentam em uma luta pelo controle do Estado, para a qual devem atrair segmentos da população que se encontram ‘flutuantes’”.¹⁰⁰

A crítica pode ser lida como uma reivindicação de Ernesto Laclau, principal referência teórica de Errejón, a partir de quem enfatiza a importância da construção política discursiva sobre uma análise que “pode parecer rígida em excesso e comparável ao encontro de dois exércitos no campo de batalha”.¹⁰¹ Em direção ao primado da “autonomia

[94] Cairo, 2014.

[95] García Linera, 2014.

[96] Ver García Linera, 2014b. Sobre a entrada de candidatos opositores, ver Puente, 2014 e Argirakis, 2015. Sobre uma argumentação detalhada de García Linera a respeito da relação com setores opositores, ver Schavelzon, 2012, cap. 2.

[97] Errejón Galván, 2012.

[98] García Linera, 2011.

[99] Errejón Galván, 2012, p. 76.

[100] Errejón Galván, 2012, p. 77.

[101] Errejón Galván, 2012, p. 77.

da política” com que, como vimos, os seguidores de Laclau se opõem a visões que enfatizam a materialidade das lutas e as relações do mundo do trabalho, Errejón analisa:

Com efeito, o campo político boliviano se encontra em boa medida dividido por uma fronteira binária que separa o governismo da oposição, mas os temas escolhidos para o traçado dessa fronteira, sua natureza e o alinhamento das forças em embate não estavam predefinidos na estrutura social: são resultado de um ato puramente político — embora sob condições dadas que Linera, por outro lado, analisa muito bem. Quando o atual vice-presidente alude a uma conformação “nacional-popular” em ação, faz bem em especificar a procedência social dos grupos que a integram, mas não explica que, em última instância, a construção do “povo” boliviano que o MAS diz encarnar é uma operação discursiva de articulação e nomeação. As ferramentas da análise do discurso, então, podem ser de grande ajuda para o desenvolvimento das linhas principais da teoria da hegemonia de García Linera.¹⁰²

[102] Errejón Galván, 2012, p. 77-78.

Também a análise que Errejón faz sobre o processo venezuelano remete à visão de Ernesto Laclau. Em um texto de 2013 assinado junto com um ministro da Venezuela à época em exercício do cargo, Errejón escreve sobre a identidade política do chavismo como marca no campo político venezuelano. A articulação hegemônica tal como descrita por Laclau está presente no que Errejón vê como demarcação de um novo espaço político que deve ser assumido inclusive pela oposição e, citando Laclau, “uma *plebs* que reclama ser o único *populus* legítimo”, compreendido na “proeminência do popular como núcleo da comunidade nacional”,¹⁰³ traço do chavismo evidente para Errejón nas campanhas eleitorais das quais participou pouco antes de se tornar coordenador de campanha do Podemos para as eleições europeias. Na análise dos processos sul-americanos, Errejón falaria da abertura de um campo de problemas da *transição* relacionados à produção de uma nova institucionalidade; de outro modelo de Estado e de economia; e de “uma hegemonia flexível e dinâmica, capaz de integrar de forma duradoura os grupos aliados, os cindidos e os subordinados da nova condução política”.¹⁰⁴

[103] Errejón Galván; Chacón, 2013.

[104] Errejón Galván; Chacón, 2013, p. 36.

COMENTÁRIO FINAL

A formação do Podemos não se explica a partir do percurso intelectual de seus dirigentes. Os debates citados, antes, buscam ajudar a situar relações e mundos políticos que interagiram e continuam a interagir com imaginários políticos que interpelam toda uma geração de lutas políticas e de militância. Os debates que o nascimento de um agrupamento político enfrenta retomam também velhos problemas

políticos, que outras gerações enfrentaram de maneiras distintas. Assim é com o diálogo da esquerda com as maiorias populares; a questão de como caracterizar o sujeito político da mudança (povo, classe ou multidão?); e o debate do Estado, em que uma proposta populista se encontraria com heranças que podemos identificar com o jacobinismo e o centralismo democrático ou com o que Juan Carlos Monedero chamou em diversas intervenções de “leninismo amável”. Embora a relação entre debates e formas que o processo político assume não seja linear, algo dos primeiros nos serve para elaborar perguntas e chaves de leitura para o segundo.

Em um balanço sobre o que foi produzido pelo contato dos fundadores e dirigentes do Podemos com a América Latina, vemos, por um lado, a possibilidade de defender uma opção de governo de maiorias que entende sua possibilidade de existência no espelho dos governos progressistas ou de esquerda sul-americanos. Por outro lado, a crítica ao socialismo do século XX feita por Monedero e a dos trabalhos de Errejón e Iglesias sobre a necessidade de descolonizar a Europa a partir dos movimentos sociais, assim como a reflexão de Errejón sobre uma construção de hegemonia que revise a experiência latino-americana, permitem criar expectativas no sentido de que a contribuição do Podemos, na eventualidade de um processo constituinte, estará à altura de um tempo político novo no qual os consensos de 1978 sejam revisados e a política europeia de austeridade interrompa sua aplicação.

O objetivo dos debates apresentados se relaciona com a questão sobre o que o Podemos poderia fazer, deixando de lado uma análise a partir de movimentos de moderação e fechamento centralizador que a cúpula do partido avaliou como necessários para ganhar as eleições programadas para dezembro de 2015. Se nos perguntamos pelo possível, vemos que o percurso formativo dos fundadores do Podemos em relação aos processos latino-americanos permite pensar em um populismo estatista diferente, como partido que nasce se espelhando em uma narrativa política elaborada na América do Sul, mas também como ar fresco num momento em que esses processos passam por uma deriva conservadora e de esgotamento político. Nesse sentido, a ideia de “populismo pós-colonial” pode ser levada a sério para descrever uma posição política que, nos dois lados do oceano Atlântico, se articula com a defesa de governos populares de retórica anti-imperialista, antes que com uma proposta de descolonização étnica ou de autodeterminação, ou a partir da diferença e do minoritário, com as quais a crítica pós-colonial é mais recorrentemente associada. Dessa forma, o pós-colonial não se oporia ao nacionalismo e pode inclusive ser um marco retórico de projetos estatais centralizados e desenvolvimentistas, que, por não propor uma crítica contra as formas de repre-

sentação e organização política clássica, pode ser definido num marco moderno, no entendimento que situa as tarefas descolonizadoras na necessidade de crescimento “com inclusão” e um foco no social como defesa da soberania.

Por outro lado, e como no caso dos processos constituintes em sua fase de experimentação, a expressão mais criativa das narrativas políticas que se encontram entre a Europa e a América Latina introduz elementos democratizantes e disseminadores do poder, como a plurinacionalidade e a autonomia, a partir de uma visão desconfiada sobre o Estado-nação, que, tendo como base os novos modelos de Viver Bem, também se oponha ao capitalismo e ao desenvolvimento modernizante. Esse populismo pós-colonial — mais do que jacobino — está presente no Podemos, na aproximação com a política camponesa indígena da Bolívia e em outros diálogos como os tratados acima. Também com o que Juan Carlos Monedero denominou “Neoestado”, que se caracteriza como “experimental” e “maternal”, em vez de paternalista. Essa seria a forma de encontrar hoje um espaço político diferente daquele da social-democracia e do Estado de bem-estar, como descolonização de uma Europa em crise de imigrantes, de austeridade e de ameaças fascistas, que encontra cansadas suas ferramentas e linguagens políticas anteriores.

Em um processo em andamento com tensões entre vetores centralizadores e outros pluralistas, entre estabilização e molecularidade, homens e mulheres que se conectam com o movimento subterrâneo da política e outros que tentam bloqueá-lo e sujeitá-lo, vemos que os debates deixados para trás continuam marcando os passos para adiante, junto com experiências sul-americanas de chegada ao governo e também europeias de mobilização e organização. A crítica à autonomia da política, à perspectiva dos movimentos e das lutas, à lógica do 15-M ou ao problema da colonialidade pensado a partir da diferença é hoje um terreno que o núcleo dirigente do Podemos deixou para trás nos debates percorridos, mas que permanece nas posições pelas quais transitaram e com as quais seguem dialogando, como parte de uma memória que fortalece e diferencia o Podemos dos partidos do regime.

Se confiamos naquilo que o Podemos “pode”, temos um campo aberto de possibilidades políticas em um cenário pós-hegemônico de singularidades que se conectam e reativam o que percorreu as ruas no 15-M, sem se deixar assimilar pelas políticas de um adversário que, ainda que se mostre vencido e incorporado ao próprio movimento, contribua para deixar para trás o ímpeto descolonizador, fortalecendo o status quo e o neoliberalismo por novos caminhos.

Recebido para publicação
em 17 de outubro de 2015.

NOVOS ESTUDOS

CEBRAP

103, novembro 2015

pp. 33-57

SALVADOR SCHAVELZON é antropólogo e professor da área de humanidades na Unifesp-Osasco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abriendo Podemos. "Abrimos Podemos: por una candidatura constituyente". 10 jun. 2015. Disponível em: http://estaticos.elmundo.es/documentos/2015/06/11/abriendo__podemos.pdf. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Argirakis, Helena. "Reposición del bloque de poder cruceño". *La Razón*, 12 abr. 2015. Disponível em: http://www.la-razon.com/index.php?__url=/suplementos/animal__politico/Reposicion-bloque-poder-cruce-no__o__2250375087.html. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Beasley-Murray, Jon. *Posthegemonia*. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- Bescansa, Carolina; Errejón, Íñigo; Iglesias, Pablo; Jerez, Ariel; Monedero, Juan Carlos; Sánchez León, Pablo. "¿Transición ejemplar?". *Público*, 13 dez. 2008. Disponível em: <http://blogs.publico.es/dominipublico/955/¿transicion-ejemplar/>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Cairo, Heriberto. (2014) "Si para lograr sus metas Podemos tiene que cambiar el discurso, lo hará". Entrevista a Javier Lafuente e Ana Carbajosa. *El País*, 27 nov. 2014. Disponível em: http://politica.elpais.com/politica/2014/11/26/actualidad/1417030679__132277.html. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Cano, Germán. "El análisis del marco discursivo y la ruptura populista de Podemos". *Revista Teknokultura*, v. 12, n. 1, p. 55-75, 2015.
- Cava, Bruno. "Devir-pobre, devir-indio". *O Quadrado dos Loucos*, 4 ago. 2012. Disponível em: <http://www.quadradodosloucos.com.br/3138/devir-pobre-devir-indio/>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "O Podemos, entre multidão e hegemonia: Negri ou Laclau?". In: Cava, Bruno; Arencón, Sandra (Org.). *Podemos e Syriza: experimentações políticas e democracia no século 21*. São Paulo: Annablume, 2015. Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/1432734437000%20Podemos,%20entre%20multidãoo%20e%20hegemonia,%20Negri%20ou%20Laclau%20-%20Bruno%20Cava.pdf. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Errejón Galván, Íñigo. "La crisis estatal en Bolivia: de la llegada al gobierno del Movimiento al Socialismo a los referendos revocatorios". *Papeles de trabajo — América Latina siglo XXI*, Fundação CEPS, ago. 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/1385529/La_crisis_estatal_en_Bolivia_De_la_llegada_al_gobierno_del_Movimiento_Al_Socialismo_a_los_Referendos_revocatorios. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. *La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno del MAS en Bolivia (2006-2009): un análisis discursivo*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Políticas e Sociologia) — Universidade Complutense de Madri, Madri, 2012. Disponível em: <http://eprints.ucm.es/14574/>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Sin manual, pero con pistas: algunas trazas comunes en los procesos constituyentes andinos (Venezuela, Bolivia, Ecuador)". *Viento Sur*, n. 128, jun. 2013a.
- _____. "Somos (casi) todos los Chávez: desafíos en la implementación de la identidad política chavista". Fundação CEPS, 2013b. Disponível em: http://www.ceps.es/index.php?option=com_content&view=article&id=513:chavez-somos-casi-todos&catid=66:america-latina&Itemid=86. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Dónde nos quieren. Un editorial como síntoma de las posibilidades del cambio político en España". Instituto 25M Democracia, 19 ago. 2015. Disponível em: <https://instituto25m.info/donde-nos-quieren-un-editorial-como-sintoma-de-las-posibilidades-del-cambio-politico-en-espanapor-inigo-erregon/>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Errejón, Íñigo; Chacón, Jesse. "El chavismo y el nuevo sentido común de época". Fundação GisXXI, 2013. Disponível em: http://www.gisxxi.org/articulos/el-chavismo-y-el-nuevo-sentido-comun-de-epoca-gisxxi/#.Vb7VJ__lVhBc. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Errejón, Íñigo; Iglesias, Pablo. "El sistema que salga de la crisis será muy diferente". Entrevista com Immanuel Wallerstein. *Diagonal*, 19 fev. 2009a. Disponível em: <https://www.diagonalperiodico.net/global/sistema-salga-la-crisis-sera-muy-diferente.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Lo que consiguió el acto de Evo Morales en la universidad". *Kaos en la red*, 18 set. 2009b. Disponível em: <http://www.kaosenlared.net/noticia/consiguio-acto-evo-morales-universidad>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Claves geopolíticas para entender las posibilidades de izquierda en América Latina". Atas do Congresso Internacional 1810-2010: 200 años de Iberoamérica, p. 1945-1955, 2010.
- Errejón Galván, Íñigo; Espasandín López, Jesús; Iglesias Turrión, Pablo. "El regreso de Túpac Katari: Bolivia y los procesos de transformación global del capitalismo". *Tabula Rasa*, n. 7, p. 111-148, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n7/n7a06.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Devolviendo el balón a la cancha: diálogos con Walter Mignolo". *Tabula Rasa*, n. 8, p. 283-320, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n8/n8a14.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. *Bolivia en movimiento: movimientos sociales — subalternidades — hegemonías*. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2014. Disponível em: http://www.vicepresidencia.gob.bo/IMG/pdf/bolivia_en_movimiento.pdf. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Espasandín, Jesús; Iglesias Turrión, Pablo. *Bolivia en movimiento: acción colectiva y poder político*. Valência: Fundación CEPS/El Viejo Topo/Fundación Europa de los Ciudadanos, 2007.
- Fernández-Savater, Amador. "La clave del cambio social no es la ideología, sino los cuerpos, los afectos y los hábitos". Entrevista com Jon Beasley-Murray. *Eldiario.es*, 20 fev. 2015. Disponível em: http://www.eldiario.es/interferencias/Podemos-hegemonia-afectos__6__358774144.html. Acesso em: 10 de outubro de 2015.

- Gago, Verónica; Picotto, Diego; Sztulwark, Diego. "El intelectual orgánico y el cartógrafo". *Lobo Suelto*, 1 set. 2014. Disponível em: <http://anarquiacoronada.blogspot.com.br/2014/09/el-intelectual-organico-y-el-cartografo.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- García Linera, Álvaro. *Las tensiones creativas de la revolución: a quinta fase del proceso de cambio*. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2011. Disponível em: <http://www.rebellion.org/docs/134332.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "El nuevo campo político en Bolivia". *La Razón*, 2 nov. 2014a. Disponível em: http://www.la-razon.com/index.php?__url=/suplementos/animal_politico/nuevo-campo-politico-Bolivia_o_2153784735.html. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Al adversario derrotado e incorpóralo como individuo". *El Deber*, 6 out. 2014b. Disponível em: <http://www.eldeber.com.bo/bolivia/al-adversario-derrotado-e-incorporalo.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Hobsbawm, Eric. "A recepção das ideias de Gramsci". In: _____. *Como mudar o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Iglesias Turrión, Pablo. "Asamblea constituyente y revolución". *Diagonal*, 6 jul. 2006.
- _____. "Las clases peligrosas: la interfaz boliviana en la resistencia global al capitalismo". In: Espasandín, Jesús; Iglesias Turrión, Pablo. *Bolivia en movimiento: acción colectiva y poder político*. València: Fundación CEPS/El Viejo Topo/ Fundación Europa de los Ciudadanos, 2007a.
- _____. "Enfoques teóricos sobre la acción colectiva: alcance y límites para el estudio de los movimientos globales". *Ágora — Revista de Ciencias Sociales*, n. 17, p. 41-81, 2007b.
- _____. *Multitud y acción colectiva postnacional: un estudio comparado de los desobedientes: De Italia a Madrid (2000-2005)*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Políticas e Sociologia) — Universidade Complutense de Madrid, Madrid, 2008. Disponível em: <http://eprints.ucm.es/8458/1/T30518.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Llega la hora de generalizar la desobediencia de los indignados". *Público*, 25 maio 2011. Disponível em: <http://www.publico.es/espana/377596/llega-la-hora-de-generalizar-la-desobediencia-de-los-indignados-elecciones2011>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Notas sobre el último artículo de Hardt y Negri 'La constitución de lo común y las razones de la izquierda'". *La Línea de Fuego*, 1 jan. 2012. Disponível em: <http://lalineadefuego.info/2012/01/14/notas-sobre-el-ultimo-articulo-de-hardt-y-negri-la-constitucion-de-lo-comun-y-las-razones-de-la-izquierda-por-pablo-iglesias-turrión/>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Quiénes son los de abajo". *Público*, 8 jul. 2013. Disponível em: <http://blogs.publico.es/pablo-iglesias/291/quienes-son-los-de-abajo/>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "La clave no es un eje derecha-izquierda, sino democracia-dictadura". Entrevista a Ana Bernal Triviño. *Andaluces*, 13 fev. 2014a. Disponível em: <http://www.andalucesdiario.es/politica/la-clave-de-este-momento-no-es-un-eje-derecha-izquierda-sino-democracia-dictadura/>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Pensando el mundo desde Bolivia. Alternativas políticas a la crisis global". Conversa de Pablo Iglesias e Álvaro García Linera na Bolívia. Youtube, 27 set. 2014b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bHRXRLsnBmw>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Podemos: el partido de las clases populares". *El Periódico*, 19 maio 2015a. Disponível em: <http://www.elperiodico.com/es/noticias/opinion/podemos-partido-las-clases-populares-4200367>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Entender Podemos". *New Left* (edição em espanhol), n. 93, p. 8-32, jul.-ago. 2015b.
- _____. "Pablo Iglesias: 'Que se queden con la bandera roja y nos dejen en paz. Yo quiero ganar'". Entrevista a Sergi Picazo e Marià de Delàs. *Público*, 24 jun. 2015c. Disponível em: <http://www.publico.es/politica/iglesias-quiere-ganar-dejen-paz.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Iraberri, Daniel; Alegre Zahonero, Luis. "El derecho y el pecado original". *Rebelión*, 25 set. 2013. Disponível em: <http://rebellion.org/noticia.php?id=174475>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Laclau, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005. [Ed. bras.: *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.]
- Laclau, Ernesto; Mouffe, Chantal. *Hegemonia y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Madrid: Siglo XXI, 1987. [Ed. bras.: *Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical*. São Paulo: Intermeios, 2015.]
- Manetto, Francesco; Piñol, Àngels. "Mas fuerza a izquierda y derecha a disputar el mismo voto no soberanista". *El País*, 16 set. 2015. Disponível em: http://ccaa.elpais.com/ccaa/2015/09/15/catalunya/1442345524_136974.html. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Mignolo, Walter D. "Novas reflexões sobre a 'idéia da América Latina': a direita, a esquerda e a opção descolonial". *Cadernos CRH*, v. 21, n. 53, p. 237-250, 2008a.
- _____. "Revisando las reglas del juego: conversación con Pablo Iglesias Turrión, Jesús Espasandín López e Inigo Errejón Galván". *Tabula Rasa*, n. 8, p. 321-334, 2008b. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-24892008000100015&lng=en&tlng=es. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "La idea de América Latina (la derecha, la izquierda y la opción decolonial)". *CyE*, ano I, n. 2, primeiro semestre de 2009. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/secret/CyE/CyE2/09idea.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Mariátegui and Gramsci in 'Latin' America: Between Revolution and Decoloniality". In: Srivastava, Nee-lam; Bhattacharya, Baidik (Org.). *Postcolonial Gramsci*. Nova York: Routledge, 2012.

- Miró Artigas, Joan. "Populismos de izquierdas en Europa, Gramsci y las geografías del poder". *Rotekeil*, 22 maio 2015. Disponível em: <http://rotekeil.com/2015/05/22/populismos-de-izquierdas-en-europa-cuando-la-geografia-importa/>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Monedero, Juan Carlos. "Hacia una filosofía política del socialismo del siglo XXI: notas desde el caso venezolano". *Cuadernos del CENDES*, v. 25, n. 68, p. 73-108, 2008.
- _____. "El fantasma del hiperliderazgo". Comentário registrado na página de Radio Alba Ciudad, 2009. Disponível em: <http://albacidad.org/wp/index.php/2011/07/hiperliderazgo/>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Socialismo y consejos comunales: la filosofía política del socialismo en el siglo XXI". *Revista Comuna*, ano 3, n. 4, p. 97-142, 2011.
- _____. "Hugo Chávez nos enseñó a respetar América Latina". Entrevista a Rafael Fraguas. *El País*, 6 mar. 2013. Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2013/03/06/actualidad/1362593920_268703.html. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. Comentário no programa *A Cara Lavada*, Radio Pública Argentina, 29 jul. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8tRHWxmZq74>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Laclau e a dialética do social e do político: entre movimentos e hegemonia". Conferência apresentada na Maison de l'Amérique Latine, em Paris, 27 maio 2015. *UniNómade*, 13 jun. 2015. Disponível em: <http://uninomade.net/tenda/laclau-e-a-dialectica-do-social-e-do-politico-entre-movimentos-e-hegemonia/>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Negri, Antonio; Hardt, Michael. *Commonwealth*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2009.
- Negri, Antonio; Sánchez Cedillo, Raúl. "O eixo Syriza-Podemos por uma nova Europa democrática", "A democracia hoje é selvagem: O exemplo espanhol", "Podemos precisa ir do keynesianismo ao commonfare", "Por uma iniciativa constituinte na Europa". In: Cava, Bruno; Arencón, Sandra (Org.). *Podemos e Syriza: experimentações políticas e democracia no século 21*. São Paulo: Annablume, 2015.
- Ortega Reyna, Jaime. "Totalidad, sujeto y política: los aportes de René Zavaleta a la teoría social latinoamericana". *Andamios — Revista de Investigación Social*, v. 9, n. 20, p. 115-135, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/628/62826835014.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Palao Errando, José Antonio. "La enunciación compleja: hermenéutica, semiótica y política en el siglo XXI. El caso de Podemos". Congreso # Comunicambio2015, Castellón de la Plana, maio 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/12661799/La_enunciaci%C3%B3n_compleja_hermen%C3%A9utica_semi%C3%B3tica_y_pol%C3%ADtica_en_el_siglo_XXI_El_caso_de_Podemos_Complex_Enunciation_hermeneutics_semiotics_and_politics_in_the_XXIth_Century_The_case_of_Podemos. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Podemos. "Mover ficha: convertir la indignación en cambio político". Manifesto, 2014. Disponível em: <http://www.cuartopoder.es/alsoldelacalle/files/2014/01/Mover-ficha-convertir-la-indignacion-CC%81n-en-cambio-poli-CC%81tico.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Puente, Rafael. "Y ahora ¿quién podrá representarnos?". *Página Siete*, 1 ago. 2014. Disponível em: <http://www.paginasiete.bo/opinion/2014/8/1/ahora-quien-podra-representarnos-28209.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Rodríguez, Emmanuel. "Cómo se ganarán las próximas elecciones". *Eldiario.es*, 4 jun. 2015. Disponível em: http://www.eldiario.es/zonacritica/ganaran-proximas-elecciones_6_394820532.html. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Rosso, Fernando; Dal Maso, Juan. "Podemos, Gramsci y el populismo". *Fracción Trotskista — Cuarta Internacional*, 28 nov. 2014. Disponível em: <http://www.ft-ci.org/Podemos-Gramsci-y-el-populismo?lang=es>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Sanz Alcántara, Miguel. "La influencia de Laclau y Mouffe en Podemos: hegemonía sin revolución". *La Hiedra*, n. 12, jun./set. 2015. Disponível em: <http://lahiedra.info/la-influencia-de-laclau/>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Sánchez Estop, Juan Domingo. "De la ilustración a la excepción: una discusión con las tesis del libro *Comprender Venezuela, pensar la democracia*, de Carlos Fernández Liria y Luis Alegre Zahonero". *LOGOS — Anales del Seminario de Metafísica*, v. 40, p. 345-358, 2007. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/ASEM/article/viewFile/ASEM0707110345A/15629>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. [John Brown]. "Sobre esencias, relaciones y luchas de clase". *Rebelión*, 22 jul. 2013. Disponível em: <http://rebelion.org/noticia.php?id=171491>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Laclau y Spinoza: dos lógicas de la autofundación". *Iohannes Maurus*, 25 maio 2015. Disponível em: <http://iohannesmaurus.blogspot.com.br/2015/08/laclau-y-spinoza-dos-logicas-de-la.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Schavelzon, Salvador. *El nacimiento del Estado Plurinacional de Bolivia: etnografía de una Asamblea Constituyente*. La Paz: Plural/Clasco/CEJIS, 2012. Disponível em: http://www.clasco.org.ar/libreria-latinoamericana/pais_autor_libro_detalle.php?id_libro=754&campo=autor&texto=3395&pais=7. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. *Plurinacionalidad y Vivir Bien/Buen Vivir: dos conceptos leídos desde Ecuador y Bolivia postconstituyentes*. Quito: Abya Yala, 2015a.
- _____. "Podemos, América do Sul e república plurinacional da Espanha". In: Cava, Bruno; Arencón, Sandra (Org.). *Podemos e Syriza: experimentações políticas e democracia no século 21*. São Paulo: Annablume, 2015b. Disponível em: <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=195069>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.

- Seguín, Bécquer. "Podemos and its critics". *Radical Philosophy*, n. 193, set./out. 2015. Disponível em: <http://www.radicalphilosophy.com/article/podemos-and-its-critics>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Sousa Santos, Boaventura de. *Refundación del Estado en América Latina: perspectivas desde una epistemología del Sur*. Lima: IIDS/Programa Democracia y Transformación Global, 2010a. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Refundacion%20del%20Estado_Lima2010.pdf. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. "Hablamos de Socialismo del Buen Vivir". *ALAI-América Latina*, 2010b. Disponível em: <http://jbsc.blogspot.com/2010/03/hablamos-del-socialismo-del-buen-vivir.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Sztulwark, Diego. "Murió Laclau. Obituario del teórico postmarxista". *Diagonal*, 14 abr. 2014. Disponível em: <https://www.diagonalperiodico.net/global/22592-murio-laclau.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Viejo Viñas, Raimundo. "¿Refundar lo irrefundable? Razones para el escepticismo". Versão 2.0 extended do artigo publicado em *Diagonal*, n. 116, p. 33-34, 2010. Disponível em: <http://raimundoviejojinhas.blogspot.com.br/2009/12/es-refundar-lo-irrefundable-razones.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- Viveiros de Castro, Eduardo. "O índio em devir". In: Herrero, Marina; Fernandes, Ulysses (Org.). *Baré: povo do rio*. São Paulo: Sesc, 2015.